

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FACULDADE DE MEDICINA

VICTORIA COUTINHO DE QUEIROZ MONTEIRO

CATALEPSIA

MACEIÓ

2021

VICTORIA COUTINHO DE QUEIROZ MONTEIRO

CATALEPSIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a coordenação do curso de
Medicina da Universidade Federal de
Alagoas

Orientador: Gerson Odilon Pereira

MACEIÓ

2021

TANATOLOGIA

Desmistificando a Morte e o Morrer

———— Gerson Odilon Pereira ————



TANATOLOGIA

DESMISTIFICANDO A
MORTE E O MORRER

TANATOLOGIA

DESMISTIFICANDO A MORTE E O MORRER

GERSON ODILON PEREIRA

Capa

Ana Carolina Vidal Xavier

Foto capa

Death and the miser. Oil painting by Frans II van Francken

Fotolitos/Impressão/Acabamento

Editora e Gráfica Santuário Aparecida

Fone: (12) 3104-2000

Direitos Reservados

Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem expressa autorização do Editor

sarvier

Sarvier Editora de Livros Médicos Ltda.
Rua dos Chanés 320 – Indianópolis
04087-031 – São Paulo – Brasil
Telefone (11) 5093-6966
sarvier@sarvier.com.br
www.sarvier.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pereira, Gerson Odilon

Tanatologia : desmistificando a morte e o morrer /
Gerson Odilon Pereira. -- São Paulo : SARVIER, 2020.

ISBN 978-85-7378-274-5

1. Cuidados paliativos 2. Doentes em fase
terminal – Cuidados 3. Morte – Aspectos filosóficos
4. Morte – Aspectos morais e éticos 5. Morte –
Aspectos psicológicos 6. Morte – Aspectos religiosos
7. Morte – Causas 8. Tanatologia I. Título.

CDD-155.937

19-30764

-612.67

Índices para catálogo sistemático:

1. Tanatologia : Morte : Aspectos psicológicos

155.937

2. Tanatologia : Morte : Ciências médicas 612.67

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Sarvier, 1ª edição, 2020

Catalepsia

Adriane Gomes de Souza Silva
Laura Caroline Fuhr
Victoria Coutinho de Queiroz Monteiro

Entretanto, durante um longo período histórico, o ser humano lidou com o desaparecimento eterno de forma notadamente diferente. Houve um tempo em que a vida e morte eram conceitos tão indissociáveis que não se concebia um sem se considerar o outro. O modo como se vivia refletia-se nos acontecimentos que a morte era, antes de tudo, uma transição, uma passagem para outra esfera, faltando motivos para temê-la. (SCHMITT, 2010, p.108).

Em seu livro “Mortes Vitorianas”, a historiadora Juliana Schmitt traça um panorama a respeito da gradativa mudança no significado social da morte. Como pode ser observado no trecho acima, na antiguidade, encarava-se a existência humana como algo que transcendia a carne. Com o passar dos anos e diversas mudanças no funcionamento da sociedade, passou-se a encarar tal acontecimento como um tabu, havendo a supervalorização do corpo, ganhando a existência do indivíduo, gradativamente, um significado mais material e mundano.

Durante o século XIX vivia-se o auge da supervalorização do corpo como maior representação do estado de “vida” de um ser humano. Nesse contexto, ocorreu uma série de relatos dramáticos de pessoas que foram consideradas mortas e, devido a isso, foram enterradas ainda com vida.

Dentre as diversas possíveis causas de tal confusão, destaca-se uma condição denominada catalepsia, sobre a qual irá se deter o presente capítulo.

Catalepsia é uma condição, geralmente transitória, na qual o indivíduo perde a capacidade de mover seu corpo, cabeça e até mesmo falar (Narcolepsy and Overwhelming Daytime Sleep Society of Australia). Associada a isso, observam-se uma rigidez muscular e fixação da postura, que fazem com que o paciente permaneça estático em qualquer posição em que for colocado. Pode durar de minutos até anos e conserva os sinais vitais (ainda que um pouco diminuídos), sensibilidade corporal e consciência. Assim, tem-se um corpo com aspecto de “boneco de cera”, que pode ver e ouvir tudo que acontece ao seu redor, sem, no entanto, ser capaz de reagir fisicamente.

No entanto, não se trata de uma doença, e sim de uma condição que pode estar presente como componente sintomático em uma gama de patologias das mais diversas especialidades médicas, como esquizofrenia, distúrbios do sono como a narcolepsia e quadros depressivos graves, sendo assim chamada de catalepsia patológica; bem como apresentar-se de forma natural e benigna, sendo essa conhecida como catalepsia projetiva.

A catalepsia projetiva, ou paralisia do sono, como é popularmente conhecida, costuma ocorrer logo antes do adormecer ou então instantes após o despertar. Ela não costuma durar muito mais que dois minutos, no entanto é um episódio que causa grande angústia e temor a quem passa pela experiência. Pode ainda ser acompanhada de alucinações, o que torna o conjunto ainda mais assustador.

Aos olhos da ciência, esse fenômeno ocorre em pessoas saudáveis, e é explicado como sendo um despertar precoce do cérebro durante a fase REM do sono, estando o corpo ainda “dormindo” (com o relaxamento característico dessa fase). Ressalta-se ainda que existe relação de tal acontecimento com uma série de fatores predisponentes, como estresse emocional ou consumo de bebidas alcoólicas. Muito embora a medicina tenha delineado bem vários aspectos desse fenômeno, para quem por ele passa muitas vezes, há um significado mais místico, podendo ser comparado, inclusive, a uma “experiência de quase morte”.

“Imagina só você acordar no meio da noite e estar completamente paralisado, sentir a sensação de ‘algo’ apertando seu peito, como se tivesse alguma coisa ali querendo te asfixiar, e por mais desesperado que você esteja pra gritar por ajuda, as palavras simplesmente não saem” (Relato verbal). A partir de tal citação, consegue-se compreender melhor o motivo de muitas pessoas atribuírem um significado “sobrenatural” à catalepsia projetiva, as tão comuns alucinações visuais, auditivas e até mesmo cinestésicas as quais geram um forte sentimento de ansiedade no paciente, a que se soma a uma dificuldade respiratória, dando todo um requinte de terror ao acontecimento.

Evidentemente, diante do advento de uma série de tecnologias como o eletroencefalograma e os modernos conceitos de “morte cerebral”, é muito improvável que tal condição pudesse ser confundida com morte ao ponto de enterrar um paciente vivo como acontecia há séculos atrás. No entanto, é inegável que se carrega ainda hoje uma herança da visão material da existência; o conceito de vida é extremamente complexo e individual, é passível de uma infinidade de interpretações, que dependem do contexto social, político, religioso e familiar em que a psiquê de um indivíduo foi formada. Para alguns, somente a presença da consciência já é garantia de “vida”, para outros, não. Não cabe nesta reflexão um julgamento fechado de que um conceito está certo e outro errado.

No conto “O sepultamento prematuro” do poeta americano Edgar Allan Poe, narram-se casos típicos de catalepsia, nos quais, como o próprio nome demonstra, pessoas foram enterradas vivas. Em um dos trechos, Poe expõe com ricos detalhes, contudo de forma lírica, o estado em que pessoas catalépticas se encontram durante suas crises:

Depois de muitos sofrimentos veio a falecer, ou supôs-se que houvesse falecido. Ninguém suspeitava, na verdade, nem tinha razão de suspeitar, que ela não estivesse realmente morta. Apresentava todos os sinais habituais de morte. O rosto tomara o usual contorno cadavérico. Os lábios tinham a habitual palidez marmórea. Os olhos estavam sem brilho. Não havia calor. A pulsação cessara. Durante três dias, o corpo foi conservado insepulto, adquirindo então uma rigidez de pedra. (POE, 2009).

Nesse sentido, a perda da capacidade de se locomover, se comunicar e interagir, estando completamente vulnerável e agindo apenas como um mero expectador dos acontecimentos ao redor, pode ser entendida, de certa forma, como uma morte na perspectiva de quem a sente, ainda que momentaneamente.

Como supracitado, o fenômeno cataléptico, em seus diferentes contextos de apresentação, guarda uma relação íntima com o estado emocional do indivíduo. Dessa forma, é justo que, mais do que a objetiva interpretação científica, dê-se espaço para a licença poética ao refletir sobre ele e sua relação com a morte, seja ela simbólica ou não. Muito antes dos modernos estu-

dos, a arte já se apropriava da catalepsia relacionada ao estado depressivo grave. Essa assemelha-se ainda mais a um estado de óbito, pois, além da paralisia do corpo, a mente também se encontra sintonicamente embebida em pensamentos melancólicos e em um desejo de ir embora deste mundo (característica dos quadros clínicos depressivos).

No romance cinematográfico “Em algum lugar do passado” (1980), do diretor estadunidense Jeannot Szwarc, a catalepsia patológica associada à depressão é retratada de forma dramática. Na trama, o jovem escritor Richard Collier entra em uma depressão gravíssima após se separar de sua amada para sempre. Com o evoluir do quadro, ele deixa de falar, se alimentar e ter qualquer tipo de cuidado pessoal. Fica confinado por dias no quarto de hotel onde viveu sua amada, completamente imóvel, tendo como companheiros apenas seus desejos de morrer. Até que um dia, de fato, seu corpo não suporta mais e vem a falecer. Algo muito interessante que observamos no filme é o fato de que, no momento em que Richard é encontrado no hotel, instantes antes de sua morte, ele é pego e colocado na cama. Nesse momento, observa-se claramente que seu corpo fica parado em qualquer posição em que seja colocado.

O paciente, nesse estado, vivencia um quadro conhecido como depressão catatônica. Nele, somam-se os sintomas psíquicos da depressão em sua forma mais grave, como tristeza extrema, falta de prazer na vida e diminuição da capacidade de tomar decisões (“Decisões antes quase automáticas parecem agora custar esforços intransponíveis”) (PORTO, 1999), a alterações da psicomotricidade, dentre elas o mutismo (ausência de fala). Sente a sensação de ter um “manto de chumbo” sobre seu corpo, que o torna incapaz de tomar uma postura ativa para sair da situação, ficando completamente à mercê de cuidados alheios.

A catalepsia traz um conceito importante de indissociabilidade entre vida e morte, afinal, transmitir a um indivíduo a responsabilidade de atestar o fim e o início confronta com a concepção de seus julgamentos que, de fato, é extremamente voltada a experiências pessoais. Nesse sentido, ao decorrer dos anos, tecnologias foram incorporadas, trazendo a confirmação da morte verdadeira, sem, no entanto, retirar a carga emocional sob a interpretação particular da palavra “existência”. Como a catalepsia está intimamente ligada a distúrbios neurológicos e psiquiátricos, é inegável a necessidade de debatê-la e divulgá-la. De acordo com dados da OMS, até 2018 a depressão, uma das causas da condição, já atinge mais de 300 milhões de pessoas ao redor do mundo, indicando, assim, a necessidade de destituir o tabu em cima de suas consequências. Ainda que seja um estado rodeado de mitos, dúvidas e receio, é preciso considerá-la uma realidade que abarca desde o físico até o campo da mente, o que a torna, com certeza, uma condição assustadoramente peculiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DEL PORTO, J. A. Conceito e diagnóstico. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 21, supl. 1, p. 06-11, May 1999
2. FOLHA INFORMATIVA: DEPRESSÃO. **Organização Mundial de Saúde**, 2018. Disponível em: < https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095 > Acesso em: 17/03/2019 as 20:04.
3. GREENAMYRE, T. BETARBET, R. Parkinson's Disease: Molecular and Therapeutic Insights From Model Systems. 1ed. Copyright. 2008.
4. NUNES, M. L. *Distúrbios do sono*. **Jornal de Pediatria** – Vol. 78, Supl.1, 2002
5. Narcolepsy and Overwhelming Daytime Sleep Society of Australia
6. National Sleep Foundation
7. POE, E. A. Sepultamento prematuro.
8. SCHMITT, J. Mortes Vitorianas: corpus, luto e vestuário. **São Paulo: Alameda**, 2010. ISBN: 978-85-7939-033-3
9. Somewhere in time. Direção: Jeannot Szwarc. **Universal Pictures**. 1980.